



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOSÉ AMÉRICO SANTOS MENEZES

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-654

Entrevistado: José Américo Santos Menezes

Nascimento: 21/04/1970

Local da entrevista: LABOMIDIA – UFS, Aracaju – SE.

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 18/01/2016

Transcrição: Marina Albugieri

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 34 minutos e 2 segundos

Páginas Digitadas: 9 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulada *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação acadêmica do entrevistado; Envolvimento com pesquisa histórica; Envolvimento com o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEFEL); Dificuldades enfrentadas no CEMEFEL; Pesquisa histórica na Universidade Federal do Sergipe; Palavras Finais.

Aracaju, 18 de janeiro de 2016. Entrevista com José Américo Santos Menezes a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, primeiro muito obrigado pelo seu tempo. Eu sei que vida de professor não é fácil, é corrida. Queria que você começasse me contando sobre como foi sua formação.

J.M. – Primeiro é um prazer poder colaborar naquilo que for possível. Bem, a minha formação... E aí você fala da formação da universidade?

C.M. – De graduação.

J.M. – De graduação em diante. Então, minha opção pelo curso de Educação Física se deu em 1988. Eu nadava em escolas aqui no estado de Sergipe e, até a década de 1990, me parece, não sei se ainda continua, mas o traço da escolha pela profissão da Educação Física no Brasil se dava muito pela influência das práticas esportivas, pela característica que a Educação Física tinha predominante no mundo da escola. Então, meu envolvimento com esta prática da natação me levou a optar ou, acreditar que eu gostaria de exercer a profissão de profissional da Educação Física. Eu ingressei, então, em 1988 aqui na Universidade Federal de Sergipe. E nos primeiros semestres eu já pude perceber que havia um movimento na Educação Física que já era bem diferente do que eu imaginava, do que seria o papel da Educação Física na sociedade, em especial na escola, naquele momento. Essa mudança se deu particularmente pela influência de alguns professores, professores esses que são inclusive personagens importantes nacionalmente na história da Educação Física no Brasil, a exemplo professor Maurício Roberto da Silva. Esse professor tinha chegado a pouco tempo da sua pós-graduação, no caso um mestrado na Alemanha, onde ele tinha se impulsionado, por leituras ligadas às Ciências Humanas que dava a ele um redimensionamento das categorias básicas da Educação Física e, portanto, do papel da Educação Física no mundo da escola. Como final dos anos 1980 e início dos anos 1990, a gente estava vivendo no Brasil uma redemocratização da sociedade brasileira, eu estava vivendo aquele grande processo de transição, que é denominado como o período renovador

da Educação Física brasileira, onde as produções da professora Celi Taffarel¹, professor Lino Castellani², influenciados pelo Demerval Saviani, e por outros grandes pensadores da Educação e da Sociologia brasileira, que estavam lá no movimento da PUC³, principalmente lá no sudeste do Brasil. Essas pessoas trouxeram para a Educação Física um debate que estava acontecendo na Educação brasileira, que é uma sociedade que estava se redemocratizando: qual deve ser o papel da escola e, portanto, como o currículo, ele como eixo fundamental da operacionalização da escola através das suas disciplinas, como cada disciplina poderia ser constituidora desta transformação que a sociedade brasileira está vivendo. A Educação Física, ela vai ser influenciada por todo este contexto e, essas figuras produzem muito naquele período e, essa produção chega nas universidades de maneira que eu fui um dos acadêmicos, no momento, que passei a simpatizar com essa influências das ciências humanas na Educação Física. Daí o meu projeto inicial de formação, que era ser técnico em natação, ele aos poucos vai falindo e, eu vou me aproximando cada vez mais pelo interesse da Educação Física, enquanto, um componente curricular que deve contribuir com a formação do aluno no interior da escola para além daquilo, que tradicionalmente a Educação Física vinha sendo considerada como atividade pela atividade. Então este contexto, ele faz com que eu conclua o curso e, imediatamente faça uma pós-graduação em ciências sociais, *lato senso*, aqui mesmo na UFS⁴ e, também faça, concomitantemente, a esta pós-graduação em Ciências Sociais, uma pós-graduação em Metodologia do Ensino da Educação Física Escolar, que um grupo do Coletivo de Autores⁵: professora Carmem Lúcia Soares, professor Lino Castellani, professor Valter Bracht, professor Elenor Kunz e a professora Celi Taffarel, não sei se eu esqueci algum... Eles tinham acabado de escrever, isso em 1991, que era uma maneira de sistematizar as ideias que eles vinham divulgando, mas num debate a pergunta que sempre surgia era: “Sim, mas *como* a Educação Física, então, vai passar a operacionalizar suas atividades pedagógicas na escola? *Como? Como? Como?*”. Então, na tentativa de responder essa possível sistematização desse novo olhar, eles compõem esse livro e para divulgar este livro, como uma das estratégias, eles montam o curso de pós-graduação, a nível de

¹ Celi Nelza Zulke Taffarel.

² Lino Castellani Filho.

³ Pontifícia Universidade Católica.

⁴ Universidade Federal de Sergipe.

⁵ Referência à obra: COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

especialização e, buscam uma universidade que possa abraçar essa causa. Eles encontram na UNICAMP⁶... A UNICAMP tinha projeto com intervenções de universidades do interior do Brasil e, a UNICAMP junto com a UNICENTRO⁷, no Paraná, em Guarapuava, eles montam esse curso, essa turma, não sei se teve outra turma. Eu fiz também esta pós-graduação, por módulos, nós íamos no meio e no início do ano e, aí eu fiz também esta pós-graduação. Em seguida, eu fiz um mestrado em Educação. E aí o mestrado em Educação aqui na UFS e fiz algumas disciplinas na PUC, em São Paulo. Então no mestrado, eu influenciado pelas leituras, cada vez mais presentes na minha trajetória ligada às Ciências Humanas, em especial a História, Sociologia e a Antropologia, eu comecei a fazer algumas perguntas estruturantes no tocante à Educação Física sergipana. Eu comecei a perceber que a Educação Física no Brasil, no tocante a formação dos professores e, que se dera através das primeiras escolas, elas tinham um traço em comum, um traço muito próximo, que era a influência do período militar na época, a influência da prática esportiva como um aparelho ideológico naquele momento e, isso como um projeto de Estado, um projeto de Estado que faz surgir as primeiras escolas de Educação Física no Brasil. E aqui em Sergipe, quando eu me graduei, quando eu terminei o curso, eu praticamente não consegui emprego, só consegui trabalhar como professor de Educação Física, somente, através de concurso, nenhuma escola privada queria me contratar mais. Eu não tinha mais oportunidade de trabalho na área de Educação Física aqui, por conta dos meus posicionamentos no momento da graduação. A minha aproximação com esses professores que iam de encontro com o *status quo* que a Educação Física representava e alimentava naquele momento, fez com que a minha imagem como acadêmico e depois como profissional da Educação Física, se tornasse uma *persona non grata* no âmbito da Educação Física aqui em Sergipe. Até porque aqui tem um capítulo que é especial, que em comum em muitos estados, os Jogos Escolares. Então, nós temos aqui os Jogos da Primavera que era, até o início da década de 1990, a razão de ser do professor de Educação Física nas escolas. Então, a meta do professor de Educação Física era atuar, levar os seus alunos, através da formação das equipes em diferentes modalidades a participar dos Jogos da Primavera, que era um grande evento escolar do estado de Sergipe, senão o maior evento. Era um evento que tinha uma força política incrível, um evento que alguns candidatos a deputados estaduais e federais, faziam questão de participar da abertura desses

⁶ Universidade de Campinas.

jogos, de patrocinar, de divulgar, de fazer a sua propaganda política, tamanha era a força de coesão social que o fenômeno dos Jogos da Primavera tinha naquele momento. O posicionamento da Educação Física naquele momento fazia uma crítica ao papel da Educação Física na escola como formadora de atletas, como eu estava neste contexto eu passei a ser alguém que não era bem visto no interior da Educação Física. Então, para entender tudo isso, ou seja, como é que isso se configura no estado de Sergipe, como que a Educação Física nasce, como é que nasce a primeira escola de formação de professor de Educação Física, como a instituição de esporte no estado de Sergipe ela se consolida, etc., eu tomei como objeto de estudo investigar a criação da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, que é a primeira escola de formação de professores aqui no estado.

C.M. – Quando você fez essa pesquisa? Que ano que foi feita mais ou menos essa pesquisa?

J.M. – Então, eu terminei essa pesquisa em 1994. Iniciei por volta de 1992 e, conclui em 1994.

C.M. – Neste período como era a situação da pesquisa histórica sobre a História da Educação Física e do Esporte aqui na faculdade? Tinha outros professores que pesquisavam, até no mestrado mesmo?

J.M. – Não, o mestrado nós não tínhamos naquele momento. Eu sou aluno da primeira turma, da primeira turma, então, nós não tínhamos dissertações de mestrado produzidas por programas no estado de Sergipe, porque este programa foi o primeiro programa em Educação. O que nós tínhamos eram algumas graduações que já tinham monografias e, esses cursos de pós-graduação, a exemplo que eu acabei de me referir o de Ciências Sociais e um outro curso, também, de pós-graduação que teve na área de Educação e de Educação Física, que teve uma especialização em Educação Física aqui uma única versão, se não me falha a memória, mas as monografias, eu não me recordo de ter monografias que tenha como temática, como campo investigativo a História. A gente tem aqui um professor,

⁷ Universidade Estadual do Centro-Oeste.

que é um professor sergipano que se formou nessa escola, o professor Amarílio Ferreira Neto, que hoje é professor na Universidade Federal do Espírito Santo, este professor ele fez o seu mestrado na Gama Filho⁸ e, o seu objeto de estudo foi a formação política do profissional de Educação Física no estado de Sergipe. Então, para fazer o estudo sobre a formação política do profissional de Educação Física, ele trabalha com categoria ideologia e, ele vai entrevistar professores, professores na época que eram alunos, professores fundadores. Mas não se caracterizou esta pesquisa como uma pesquisa histórica. Então, eu não me recordo agora de uma outra pesquisa. Então, naquele momento, independente, se tinha ou não, era muito frágil, era praticamente insuficiente o interesse por pesquisa histórica.

C.M. – Como que chega, então, a ideia da criação do Centro de Memória? E como você se envolveu nesse processo.

J.M. – Então, a produção deste programa em Educação, ele abre linhas de pesquisa e, era um programa que abrangia diferentes áreas do conhecimento, isso tem sido até típico nos programas de Educação, diferentes áreas e, essas diferentes áreas ela permitia um contato maior com o campo da História, com o campo de outras áreas das Ciências Humanas, onde pessoas estavam pesquisando, que faziam pesquisas históricas. Nesse programa nós temos professores, que com grande destaque no programa, que tinham interesse por pesquisa histórica, associado a isso, e eu acho que esta é a influência predominante, é o momento da Educação Física brasileira naquele período. Então, assim, a pesquisa do professor Lino Castellani Filho, ela é um marco no despertar do interesse pela produção na história da Educação Física no Brasil, ou seja, quando ele revisita Inezil Penna Marinho e os pioneiros na Educação Física e nas instituições da Educação Física no Brasil, ele abre um leque de uma outra forma de olhar que desperta com isso um campo de interesse, uma série de possibilidades de objeto de estudo imensa. Então, é neste período, o denominado movimento renovador da Educação Física brasileira, tinha como principal interlocutor de debates as categorias históricas, ou seja, a categoria da renovação passa pela ruptura do que foi e, do que está sendo. Então, a ruptura do que foi, ela só acontece se você percebe fragilidades, ou seja, esse paradigma não dá mais conta, esse paradigma... Mas para que eu

⁸ Universidade Gama Filho.

diga que esse paradigma não dê mais conta eu preciso conhecê-lo, eu preciso trazê-lo a superfície e, torná-lo aberto para o debate para dizer por que este paradigma não cabe mais. Não seria possível fazer isso na Educação Física brasileira, senão pelo grande caldo histórico de pesquisa nesse campo temático, ou seja, no campo da História. Então, eu diria que eu estava em um momento, em uma atmosfera que eu queria me entender como sergipano, num tocante a instituição Educação Física, e queria entender como todo um estado oligárquico, que é o estado sergipano, principalmente naquele momento, porque que as coisas circulavam da maneira que circularam naquele momento. Então, compreender historicamente isto tudo, para mim, era o grande caminho. E, diga-se de passagem, uma pesquisa que foi muito cara para mim, porque muito mais difícil apresentar do que até mesmo escrever. Porque você mexe com um projeto de vida, você mexe com visão do mundo e, no meio do caminho eu mudei a perspectiva de ver até mesmo a produção em História, havia um livro que me caiu nas mãos no meio do caminho, do Adam Schaff, “História e verdade”, outro livro do Le Goff⁹, “História e Memória”, onde esses autores eles criticam a maneira de se fazer pesquisa histórica a partir de um paradigma, que era por onde eu estava de certa forma lidando. Isso no meio do caminho gera uma outra forma de olhar, porque, inevitavelmente, eu como sujeito do processo estava, também, me pesquisando. Então, estava ressentido, ressentido pelas dores que vivi durante minha formação, pelas dores que continuei vivendo pós-formação. Imagina você não tem emprego, não tem possibilidade de emprego. Então, eu estava completamente comprometido [RISOS], contaminado. Aí eu entendi, mais do que nunca, tinha a tal da objetividade das Ciências Humanas, era um discurso que não dá conta. Então, assim, fazer pesquisa histórica se deu pela influência de um contexto que o Brasil estava vivendo, que a Educação Física estava vivendo, em que eu particularmente estava sendo respingado por isso, encontrando na pesquisa histórica uma grande possibilidade para que eu me entendesse e, entendesse o contexto no qual eu estava inserindo.

C.M. – Nessa sua pesquisa você consultou os arquivos aqui da Escola¹⁰?

J.M. – Sim. Então, eu diria que a maior dificuldade foi justamente com as fontes primárias ou ao menos o que se denomina de fontes primárias. Porque este Departamento, esse nosso

⁹ Jacques Le Goff.

curso, ele quando foi criado fazia parte, ele era vinculado a outras instituições da universidade, ou seja, nós não nascemos já como escola de formação do curso de Educação Física. Aqui na universidade primeiro existimos como Centro de Educação Física e Civismo.

C.M. – Que era para prática esportiva?

J.M. – Que era para a prática esportiva por conta do decreto governamental, de 1969. Que obrigava ou estendeu a obrigatoriedade da prática da Educação Física para todos os níveis do ensino, inclusive a universidade. Então, para dar conta desta obrigatoriedade se criou o Centro de Educação Física e Civismo. Então, só nos primeiros anos de 1970, por volta de 1972 é que se criou uma comissão, composta por esses professores que faziam parte desse Centro de Educação Física e Civismo para começar a estruturar a Escola de Educação Física da Universidade Federal do Sergipe, que só vai começar a funcionar em 1975. Essas documentações iniciais, de fundação, atas de fundação, todo esse processo ... Eu tive a informação, quando eu fui à procura, que um funcionário ou uma funcionária, mais precisamente da época, ela tinha incinerado, mas não sei, até hoje eu não sei até que ponto isso de fato corresponde ao que aconteceu. Mas a questão é que eu tive pouquíssimos documentos primários que remetia a fundação da Escola, a não ser os decretos, portaria, os documentos presentes no CONEPE¹¹ e no CONSU¹², esses eu conseguir ter acesso; agora as atas, as atas de fundação, todo esse processo, essas informações eu só pude ter através da História Oral, do que se denomina História Oral. Que foi mediante a esta dificuldade de documento, um dos recursos que eu me vali naquele momento foi a pesquisa, ou o que se chama de técnica ou método de História Oral. Eu fui entrevistar... Entrevistei todos os professores fundadores, com exceção de uma professora que não quis, em hipótese alguma, participar da pesquisa. Mas todos os professores eu os entrevistei.

C.M. – Você disse que participou do início das ideias do Centro de Memória.

¹⁰ Escola de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe.

¹¹ Conselho do Ensino, Pesquisa e da Extensão.

¹² Conselho Universitário.

J.M. – É, sim. Então, pós o término dessa dissertação, eu ainda estava bem imerso na vontade de dar sequência a um apanhado histórico das práticas corporais, incluindo aí as práticas esportivas, as práticas lúdicas, de um modo do geral, do contexto sergipano. Como professor no curso, eu comecei, também, a incentivar a produção de monografias que dessem conta de determinadas temáticas históricas das práticas corporais. Então, monografias que pudesse dar conta das primeiras práticas... Dos primeiros registros das práticas esportivas no estado de Sergipe, as primeiras modalidades, os espaços destinados às práticas esportivas, os espaços públicos. Então, e aí começamos a fazer, a orientar algumas monografias. Como também, imediatamente, a gente tem a figura de alguns alunos que concluíram o curso e imediatamente entraram no mestrado, como é o caso do professor Hamilcar¹³. E o professor Hamilcar, já desde a graduação ele tinha apresentado um interesse pelas Ciências Humanas e, depois vai fortalecer esse interesse pela área da História. Então, a gente começou a ter um capital intelectual aqui, como vocação para a pesquisa histórica, digamos assim. Vocação não é o termo, mas uma aptidão para a pesquisa histórica. E aí, participando de eventos nacionais da Educação Física, eu tomei conhecimento que a professora Silvana¹⁴ ela tinha dado os primeiros passos na fundação lá do Centro de Memória¹⁵, é o centro de memória lá que chama. Então, essa ideia da professora Silvana casou com o que a gente vinha aqui namorando, mas não tínhamos essa formatação, ou seja, a gente tinha a ideia de criar um museu, algo assim. Mas aí quando passamos a conhecer a ideia da professora Silvana, a gente fala: “É isso aí, uma coisa semelhante.” Nós tínhamos inclusive no primeiro momento... Eu, como acadêmico, orientando trabalho monográfico, a gente tinha a intenção de propor as instâncias governamentais a criação de um centro de memória que fosse itinerante, de responsabilidade do estado para que essas pesquisas elas fossem as escolas, elas visitassem as escolas. Mas sobre isso chegamos a fazer contato com o Secretário de Educação, mas não tivemos sucesso. Começamos a pensar, também, na fundação de um museu do futebol, mas esta também, esta ideia não teve sucesso, me parece que outra pessoa acabou abraçando essa ideia, não sei se deu continuidade, eu sei que andaram aí falando disso. Então, nós tínhamos ficado aqui... O meu processo foi mais nesse primeiro momento das ideias. Cheguei a conversar com o Professor Hamilcar aqui, imediatamente, também

¹³ Hamilcar Silveira Dantas Junior.

¹⁴ Silvana Vilodre Goellner.

¹⁵ Centro de Memória do Esporte.

achava muito bacana este processo. Mas aí o Hamilcar foi quem deu mais, quem desenrolou isso.

C.M. – Você lembra da reunião de aprovação, se o Departamento apoiou?

J.M. – Eu não estava aqui, eu não me recordo, eu não me recordo, acredito que eu não estava mais por aqui não.

C.M. – Professor tem mais alguma coisa que você deseja acrescentar desse momento inicial do centro de memória?

J.M. – Não, eu acredito que é... Tenha algumas categorias em que nós vamos amadurecendo, com o próprio amadurecimento da contribuição que as Ciências Humanas têm dado para que nós humanos possamos nos entender, sócio e antropológicamente. Tem determinadas categorias que são imprescindíveis, não dá mais para a gente não ter. Então, a memória ela é algo que é imprescindível na maneira de se entender enquanto humano, é uma categoria fundamental. Então, o que a gente denomina didaticamente e institucionalizou nesse, pelo menos até este presente momento, com essa coisa do centro de memória, dos núcleos etc., isso se constitui imprescindível. Não dá para que a gente, enquanto sociedade, enquanto instituição, não faça os registros e cultive os zelos nesta memória, porque é uma categoria fundamental para que a condição humana possa se rever e possa se redimensionar. Em tempos de sociedade líquida¹⁶ [RISOS]. Essas categorias a gente não pode, em hipótese alguma, fragilizar.

C.M. – Era isso professor. Muito obrigada.

J.M. – Por nada.

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹⁶ Termo utilizado pelo autor Zygmunt Bauman.